

LITERA

FEV 21. ANO 1. N°2

LITERA

SOCIEDADE DOS LEITORES DO ALTO OESTE POTIGUAR



► Editorial: A magia de ler "o meu pé de laranja lima"

► Perfil: Conheça a escritora "Estefânia Mangabeira" (1894-1974).

► Modernismo: A renovação cultural do RN na década de 20

► Conheça as ações da sociedade dos leitores do alto oeste potiguar e uma coletânea de textos literários de autores do RN,

Edição nº 02. Ano 01
Fevereiro 2021

PUBLICAÇÃO:

Sociedade dos Leitores do Alto Oeste
Potiguar
Clube de Leitura da Sociedade dos
Leitores do Alto Oeste

sociedadedaleitura.wordpress.com
circulodefogo.net
@clubesociedadadosleitores
@clube_ceuazul

PARCEIROS:

Blog Círculo de Fogo
Prefeitura Municipal de Marcelino
Vieira
Fundação José Augusto
Governo do Estado do Rio Grande
do Norte
Secretaria Especial da Cultura
Ministério do Turismo
Governo Federal

EDITOR CHEFE

RAIMUNDO NONATO FILHO
profrairfilho@gmail.com

TODOS OS TEXTOS SÃO DE INTEIRA
RESPONSABILIDADE DOS AUTORES.

CONTATO:

[contato.sociedadadosleitores@gmail.com](mailto: contato.sociedadadosleitores@gmail.com)

LITTERA



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA
MINISTÉRIO DO TURISMO



ÍNDICE

04	Editorial
08	Pausa Poética
12	Conto
21	Dê uma olhada
23	Conto
38	Notícia
42	@apus.1
46	Crônica

06	Perfil
09	Crônica
15	Artigo
22	Pausa Poética
33	Artigo
40	Notícia
45	Pausa poética
62	Pausa poética
66	Mangá



CRÔNICA

MASSACRES NA NOVA HOLANDA

Thiago Oliveira

O reino de Portugal, desde 1580, estava sendo governado pelo monarca espanhol Felipe II, devido seu laço de parentesco com Dom Sebastião, que morreu sem deixar herdeiro direto ao trono lusitano, assim o rei hispânico, em terras portuguesas, era o primeiro do nome, criando-se a União Ibérica. Diante disso, os holandeses temiam que o Império dos Habsburgos, que governava a Espanha, não os reconhecessem como nação, devido haver pouco tempo que libertou-se do seu jugo, assim temendo que fossem excluidos do comércio açucareiro brasileiro, mesmo ápos invistiram na construção deste empreendimento luso na terra do além do horizonte. Logo planejaram como invadiriam a rica colônia dos portugueses e, em 1604, iniciaram

ataques à cidade de Salvador, e em 1631, tentaram em vão conquistar a Capitania do Rio Grande.

E na terra do além horizonte, na região de Vila Formosa de Sirinhaém, Capitania de Pernambuco, foi edificado o Forte do Reduto, nas margens do rio Formoso, instalado pelas ordens do Capitão-mor da Paraíba Matias de Albuquerque Maranhão, para a proteção dos 13 engenhos instalados na área. O forte tinha uma bateria, 02 peças de seis libras e 20 soldados comandados por Pedro de Albuquerque, e no amanhecer do dia 07 de fevereiro de 1633, o general holandês Sigismund Van Schkoppe, com uma tropa de 600 homens, atacou o reduto, com uma guarnição de menos de 100 homens, mas durante quase uma hora, não

puderam dar um passo para conquistar o forte e, a cada segundo, iam perdendo gente. Assim o general franziu o cenho e mandou cessar o fogo, visto que não valia a pena perder homens quando, por palavras, talvez conseguisse a rendição do inimigo, dado que esses estavam a sustentar um combate, sem conhecer a superioridade das suas forças, e se soubessem que ali estavam seiscentos homens, dezenas de armas e munições para dias, se renderiam.

Van Schkoppe, então, mandou um soldado dizer ao capitão inimigo que estava perdendo tempo e soldados em combate, e naquele exato momento, uma bandeira branca foi estendida, tempo depois surgiu o mensageiro com a resposta, e o sangue lhe veio ao rosto, e recomeçou ainda mais intenso e feroz o combate, por volta do meio-dia, o tiroteio do forte foi pouco a pouco esmorecendo, um disparo agora, outro muito depois, quando era aproximadamente, duas horas da tarde os tiros cessaram, e uma dúvida brilhou nos olhos do general,

e de espada na mão, tomou a frente das tropas e avançou até às muralhas do forte. Ao chegar à primeira porta, caminhou até uma rampa que levava a um corredor, ao passá-la, ninguém avançou, devido haver vinte corpos tombados no chão, e consequentemente o rosto do comandante tingiu-se de vergonha, porque era um militar cheio de glórias, mas havia levado quase um dia inteiro para vencer essa ínfima tropa, nesse momento, um punhado de soldados apareceu, ruidosamente, na larga plataforma, se curvando aos verdadeiros heróis da Batalha do Reduto, posto que defenderam até a morte a pequena fortificação.

Noutra frente da expansão holandesa em direção ao Rio São Francisco, houve a rendição do Engenho Camaragibe, de Romão Perez, com uma tropa de 500 soldados e 100 marinheiros, a tropa destruiu o engenho onde o capitão Mateus Gomes de Lemos e Albuquerque organizou uma resistência com cerca de 60 homens, com a derrota dos portugueses estes

mataram quase duas dezenas de nativos, cuja chacina ficou conhecido como Rendição de Sirinhaém.

Já a conquista da Capitania do Rio Grande, foi em 08 de dezembro de 1633, com uma expedição composta por onze navios e 800 homens, e a rendição definitiva da Fortaleza dos Reis Magos, sob o comando de Pero Mendes de Gouveia quatro dias depois. Sob o controle holandês, houve a mudança do nome da fortificação para Forte Ceullen, em gratidão ao comandante Van Ceullen, responsável pela conquista da fortaleza e o nome Natal foi rebatizado para Nova Amsterdã em homenagem à capital batava. Com a posse desse ponto estratégico, os holandeses tiveram a oportunidade de conquistar a capitania da Paraíba e destruir a resistência pernambucana, e esse território, depois ficou conhecido como Nova Holanda, sendo anexado ao domínio flamengo que ia desde Sergipe a Pernambuco. No poder, os holandeses eram relativamente tolerantes sobre a religião católica, porém duros com os senhores de

engenho endividados, já que houve uma queda dos preços do açúcar na década de 1640, ao contrário dos portugueses que eram dogmáticos na religião, mas pouco ortodoxos na economia. Com o início da ocupação da Companhia das Índias Ocidentais, em 1635, o Nordeste foi marcado por êxodo daqueles portugueses da Bahia e de Pernambuco que não queriam estar sob a dominação de novos estrangeiros, ou devido à pressão do comando do exército de Mathias de Albuquerque.

Na Nova Amsterdã, a principal preocupação dos novos invasores europeus da terra originalmente habitada por várias nações de índios era assumir o quanto antes as fontes econômicas da Capitania do Rio Grande, que eram, plantações de milho e mandioca, pesca e criação de gado, cujo rebanho era calculado em 20.000 cabeças. Outra fonte era a lavoura de cana-de-açúcar, onde se havia dois engenhos de grande porte: o Potengi, pertencente ao sesmeiro Francisco Rodrigues Coelho, distante cerca de seis léguas do Forte Ceullen, situado na margem

direita do rio Potengi, e o Cunhaú, no início da ribeira do Piquery do rio Cunhaú, cujos donos eram Antônio e Matias de Albuquerque Maranhão.

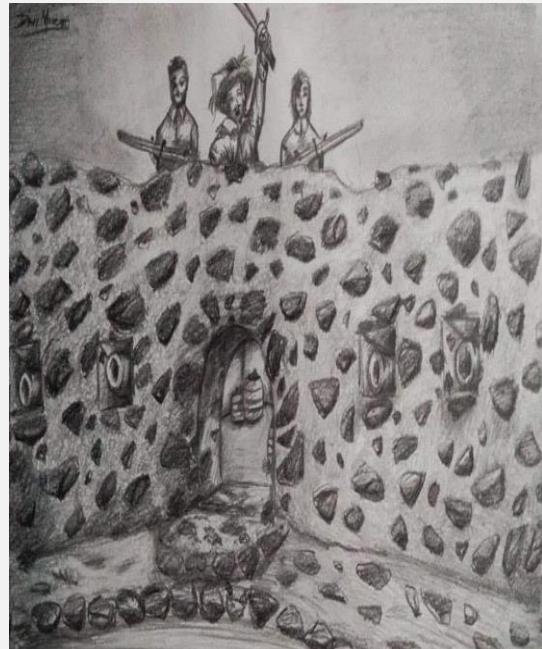
Mais próximo do Forte, o Potengi foi atacado em 14 de dezembro de 1633, pelas ordens do major Cloppenburgh e direção de Vaz Pinto, Provedor da Fazenda Real, mas esse engenho, no entanto, já não representava muito para economia do Rio Grande, pois estava encravado em terras pouco férteis, quase de "fogo morto", essa campanha, porém, possuía 30 homens e estava sendo auxiliada pelos capitães Falior e Cornelius von Uxsel, que deixaram o Forte Ceullen em 03 grandes botes à vela rio Potengi acima, ao chegarem ao engenho, desembarcaram num local conhecido por "Passagem do Potigi". Todavia, os moradores ali presentes não estavam desprevenidos, com primitivas técnicas de guerrilha, mataram cinco holandeses. Então, o major Cloppenburgh se retirou, andando três léguas e, num trecho pantanoso, houve um momento de indecisão, voltar ao engenho ou não. Mas da

Paraíba, vieram reforços aos portugueses, então foi convocado o grande chefe Janduí que fez a guerra, morrendo a família senhorial e outras pessoas.

E num sábado, ocorreu a primeira tentativa de conquista do Fortim da Barra do Rio Cunhaú, reduto quadrangular e duplo, na encosta da Falésia do Pontal, circundado de uma paliçada construída por volta de 1550 por marinheiros de Dunquerque, que em 1634, foi adaptado pelos portugueses para proteção do Engenho Cunhaú, distante cerca de quatro léguas, dispondendo de muros de 2,5 metros de altura, uma bateria de 10 peças de seis libras, 02 arcabuzes de forquilha, 11 barris de pólvora, e uma guarnição de 27 homens.

A primeira campanha de invasão do Fortim estava a cargo do comandante Smient, mas foi malsucedida em razão dos latidos da cachorrada, que alertou a guarnição, e o capitão Álvaro Fragoso de Albuquerque, dirigiu-se ao fortim, após ser avisado, e ao chegar, o inimigo já havia escapado. E houve

durante uma madrugada, a segunda invasão, agora com o auxílio do conselheiro Stachouwer, rico homem de negócios, comandante das forças do mar e do Coronel Cristóforos Arciszewshi, que vinha por mar e foi encarregado de levar os despojos da batalha, pois era um militar brilhantíssimo, cuja tropa vinda por terra era composta por 228 soldados, sem contar os índios. Nessa batalha houve crueldades inomináveis, que levou-se tudo a ferro e fogo, o capitão Fragoso, um frade capuchinho, e mais 11 homens foram mortos, outros 13 foram presos e só escaparam 3 soldados. Os despojos, que devem ter sido 09 caixas de açúcar e 36 pipas de vinho e outras mercadorias, foram transportados para um barco que saiu a pique do rio Cunhaú para o Forte Ceullen. Que depois naufragou, e seu comandante, foi amaldiçoado a vagar nos arredores do fortim, até a aceitação de uma mulher de sua riqueza, e ela terá que fazer segredo de sua aparição por três dias, para ser liberto de sua maldição.



Fonte: Instagram/@davym0reira

Por sua posição estratégica a meio caminho da Paraíba, o Engenho Cunhaú só foi invadido em novembro de 1634, pertencente à Antônio e Matias de Albuquerque Maranhão, mas somente Antônio se encontrava no engenho, que fugiu para Portugal, antes da invasão da sesmaria, proporcionando aos invasores a conquista definitiva do Rio Grande. Esse engenho era a menina dos olhos dos holandeses por causa das suas terras.

E com a vinda do Conde João Maurício de Nassau-Siegen, em 23 de janeiro de 1637, alemão calvinista, ao Governo Holandês Brasileiro foi determinada uma liberdade de

religião, onde houve uma tolerância com os católicos e com os chamados “criptojudeus”, os cristãos novos que, até então, praticavam seu culto às escondidas, e foram oferecidos aos comerciantes, senhores de engenho e lavradores empréstimos, e após 1644, houve a instalação de uma junta governativa, que fez a cobrança das dívidas e o endurecimento da política holandesa, diante uma revolução que estava acontecendo no território. Com o seu governo, houve um grande objetivo que foi a criação de boas relações com os portugueses Senhores de Engenho que ficaram sob o Governo da Companhia das Índias Ocidentais.

Nessa mesma comitiva viera o intérprete indígena Jacó Rabe, um alemão do condado de Waldeck que emigrou para Holanda, onde foi contratado pela entidade flamenga Companhia das Índias Ocidentais, empresa que administrava as terras holandesas na América. Que durante quatro anos, esse intérprete, viveu entre indígenas e assimilou os costumes nativos, num verdadeiro processo de “indianização”, e era

casado com a índia tapuia Domingas, sua ligação com as tribos locais. Sendo conhecido por muitos por seus abusos e excessos, chegando a ser criada uma comissão para frear seus atos, cujo comando era feito pelo tenente-coronel George Garstman Von Warve, o comandante do Forte Ceullen e dois portugueses da Câmara dos Escobinos e num relatório de 19 de fevereiro de 1643, consta: “Hoje é sabido que o dito Jacó Rabe mandara os tapuias saquear as casas dos moradores e trazer-lhe o produto do roubo”.

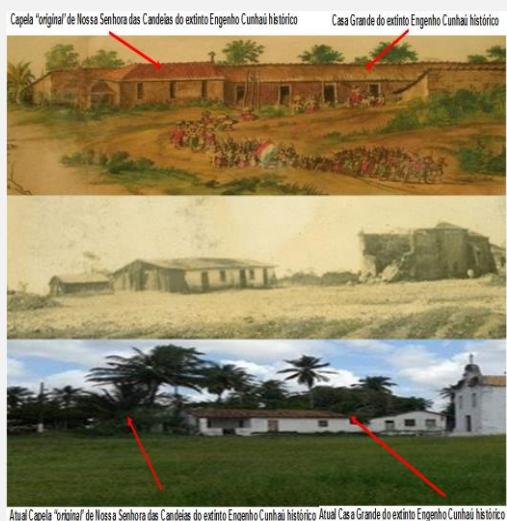
Em 15 de junho de 1637, o Engenho Cunhaú, que possuía uma área de 500 braças quadradas, 30 escravos negros e 20 juntas de boi, foi vendido por 60.000 florins ao capitão-mor George Garstman, e ao seu conselheiro político Balthasar Wijntges, que depois foi comprado por Willem Beck e Hugo Graswinckel, e em agosto de 1642, Matias Bequel, Coronel da burguesia do Recife, comprou a parte de Hugo. Em 1645, pertenceu ao português Gonçalo de Oliveira, que o adquiriu por suas ligações com os holandeses.

Num sábado Rabe foi ao Cunhaú acompanhado de 70 batavos bem armados e ainda 200 nativos liderados pelo índio potiguara Jerereca, e ao fazer contato com a população, o intérprete pediu calma e pregou a paz, falando que estava procurando por escravos fugitivos da Capitania da Paraíba e foi encarregado de trazer instruções de aliados. Por isso, ordenou que todo o povoado fosse à reunião marcada para a manhã seguinte, solicitando que fosse fixado um documento numa parede.

Na manhã seguinte, domingo 16 de julho de 1645, choveu muito e nem todo mundo apareceu à capela em razão dos caminhos encharcados, e na capela, já estava o Padre André de Soveral, que badalaram os sinos da missa de Nossa Senhora do Carmo, e a sua presença encorajou os colonos. Enquanto Rabe não aparecia para a reunião, a missa acontecia dentro de uma expectativa enorme, em seguida, passado algum tempo, estavam todos preocupados com o que queria Rabe, e esse chegou, no

momento que rezavam "Credo in Deum Patrem omnipotentem, Creatorem caeli et terrae. Et in Iesum Christum, Filium eius unicum, Dominum nostrum, qui conceptus est de Spiritu Sancto, natus ex Maria Virgine, passus sub Pontio Pilato", parecendo muito nervoso e irritado, mas mesmo assim a missa continuou até o momento em que o Padre elevou, em suas mãos, a hóstia e o cálice em preparação à ceia da comunhão: "hoc est mysterium fidei." E os presentes baixaram as cabeças em sinal de respeito e fé e o silêncio rodeou o templo, quando de repente, algumas portas da capela foram fechadas e os 69 fiéis ficaram preocupados, quando o potiguara Jerereca gritou: -- "Che ajucá! Che ajucá! Anéyajucá" assim o padre mostrou a cruz e falou na língua do índio, advertido vigorosamente: "Aquele que tocar em mim ou nas imagens do altar terá os braços e as pernas paralisados! Jerereca hesitou diante da cruz, abaixando a arma, e recuou lentamente, mesmo sob as ordens Rabe". O capelão, no auge de seus 73 anos, cheio de coragem,

falou com Rabe: "Por que não fazes tu mesmo, crente infiel, por acaso tens medo do castigo de Deus?" Rabe não deu ouvido e ordenou: "Matem todos. Não quero nenhum vivo!" Excitado, Jerereca mostrou seus dotes de guerreiro e saltou arredio sobre o velho capelão desferindo os golpes mortais.



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Sobre o corpo do Sr. Domingos Carvalho, dividiram as moedas de ouro que encontraram, as crianças que escaparam foram levadas pelos indígenas, que despedaçaram seus corpos, na Casa Grande contígua à direita da capela de engenho, alguns se salvaram, ao ouviram os gritos na parte superior

da moradia senhorial de Gonçalo de Oliveira, fugindo pelo telhado a caminho das matas desconhecidas, apenas Gonçalo de Oliveira e alguns escravos de confiança foram poupadados, pela ligação com os holandeses, e após a matança, as casas foram invadidas e saqueadas, onde ocorreram ataques com punhaladas, flechas, tacapes, bordoadas e facões, morrendo a maioria.

Os colonos que fugiram do Cunhaú e que não conseguiram se refugiar na fronteira com a Paraíba, paragem onde se armavam, procuraram abrigo nas terras de João Laustal, casado com Luzia Casa Maior, com quem teve Beatriz e Luiza Laustal Casa Maior, casadas, respectivamente, com o capitão-mor George Garstman, e o escabino Manoel Rodrigues Pimentel, acusado de matar um holandês no Ceará.

Numa carta datada de 19 de julho de 1645, do capitão-mor Fortaleza de Santa Catarina Paul Linge, este solicitava reforços para controlar os tapuias, visto que os holandeses das redondezas não

conseguiam impedir esses índios tapuia e janduís, do sertão, coadjuvados por 70 soldados holandeses desertores, liderados pelo intérprete Jacó Rabe. No dia 25 de julho, Recife soube do terrível acontecimento e, para remediar a situação, mandou uma carta ao capitão Willem Jansez, chefe da aldeia de Pirary, distante duas léguas do Cunhaú, para que ele e os seus 20 homens fossem ao engenho e lá prendessem e transportarem Rabe até eles, para os devidos esclarecimentos. Também mandou outra para Jodocus Stetten, que possuía 50 homens para proteção de uma jazida mineral na área.

Rabe ao ver a tropa, ficou ao lado das ruínas da capela e bradando pediu satisfação: "O que faz aqui, Jansez?"

Respondeu Jansez: "Um crime grave ocorreu nesta sesmaria, vários colonos foram assassinados. Sabe que não pode agir assim, Rabe", e retruca Rabe: "Colonos que conspiravam contra nós que me avisaram e eles não erram."

Interveio, grosseiramente, Jansez: "Não importa por que razão você matou. Terá que ser julgado por isso. Ninguém tem o direito de tirar a vida de outra pessoa, seja ela católica ou calvinista. A capitania precisa dessa gente trabalhando. A guerra é de vital importância, eu sei, foi por ela que tomamos esse território. Mas basta, não vim discutir política, e sim cumprir uma tarefa oriunda de Recife, você me acompanhe até lá, dispense os seus índios e soldados e me devolva todas as armas que possui, para ser interrogado pelas autoridades competentes."

Em tom de petulância, disse Rabe: "Por que não tenta me prender e pegar as minhas armas?"

Em seguida, as tropas trocaram alguns tiros, mas a tropa de Rabe fugiu com medo de represália, e o alemão foi preso e levado a Recife. E durante todo o mês de agosto, ocupou-se nessa viagem, e no decorrer desta, fez outras atrocidades nas paragens por onde passou. Em setembro, retornou ao Rio Grande, e apesar da insubordinação e desobediência,

continuou livre, pois os holandeses ainda precisavam dele pela sua ascendência sobre os tapuias, que eram ferozes com os portugueses, e esses eram necessários, pois dominavam a produção açucareira, e os batavos precisavam dessa mão de obra, mas Rabe agora respondia diretamente pelos seus atos.

João Laustal era natural do Reino de Navarra e se tornou sesmeiro da data de número 15, doada em 01 de março de 1601 pelo Capitão-mor João Rodrigues Colaço e, posteriormente, recebeu outras datas. Esse sesmeiro ergueu uma verdadeira Casa-Forte, construída com as pedras dos rios próximos e cal feito de conchas de moluscos, além do óleo de baleia e possuía um partido de planta retangular de mais de 23m de comprimento por 11,69m de largura e paredes de mais de 3m de altura e espessura de 70 cm. Contava, ainda, com a presença de seteiras na parede externa até o interior, e por causa desse formato de construção, logo se transformou em um pequeno arraial fortificado, abrigando as famílias oriundas do

Cunhaú e arredores, inclusive com seus escravos. Nas redondezas, havia uma lagoa, no meio de umas dunas, perto de falésias de tonalidades róseas, muito íngremes, que mediam mais de 20 metros de altura, que era utilizada como rota de escoamento dos produtos da sesmaria. Rabe, porém, com uma ínfima força de nativos e de correligionários, ocupou o arraial, e ao entrar, gritou que queria as armas. Tentando negociar, disse Laustal: "Precisamos dessas armas para nos defender.

Retrucou Rabe: Não precisa ter medo. Exijo a deposição das armas, apenas isso. Entreguem as armas!

Rebateu Laustal: Jamais, sabemos o que aconteceu em Cunhaú, e tenho contatos em Recife, que dizem que você não mais trabalha para a Companhia das Índias, logo não seremos suas vítimas".

Disse Rabe: "Então, serei obrigado a usar a força para tomá-las", e retruca Laustral "Que venha, sabemos quem é você e se Garstman soubesse disso você não teria

coragem de fazer." Rabe: "Não peça isso, Laustal. E Garstman é um fraco." E por fim, disse Laustal: "Vá embora, Rabe! Aqui não há nada para você, seus malditos partidários e os seus índios que lhe acompanham. E guarde seu ódio para quem o merecer e saia da minha propriedade e leve toda sua pequena tropa".



Fonte: Reprodução/ Frans Post: Musée du Louvre

Surgiu a noite e a conversa acabou, quando os asseclas de Rabe quebraram o silêncio, com tiros para amedrontar os colonos, e após várias tentativas de aproximação sem sucesso, Rabe ordenou o grande ataque e, depois de muita luta, a casa foi invadida e incendiada. Os 16 colonos foram barbaramente assassinados, pois lutaram até o fim contra a avalanche de golpes que

rugia sobre eles, sendo os únicos poupadinhos Laustal e sua família, que foram levados como prisioneiros.

Sabendo dos fatos na sesmaria do Cunhaú e na de Laustal, alguns moradores ilustres do Rio Grande se abrigaram no Forte Ceullen, nesse lugar estavam o vigário Ambrósio Francisco Ferro, os Srs. Antônio Vilela, o Moço, Francisco de Bastos, Diogo Pereira e José do Porto e partes de suas famílias. Mas o forte não comportava tanta gente, assim seria necessário que os moradores mais simples assumissem a sua defesa por conta própria, então, eles resolveram edificar uma fortificação rude, distante cerca de cinco léguas do forte, ficando o local conhecido como a "Cerca de Potengi", onde estavam 65 colonos com alguns escravos.

Rabe acreditava se tratar de uma tarefa fácil travar uma batalha contra os colonos da "Cerca", pois eles não tinham como resistir por um longo tempo e logo se entregariam. Eles, porém, resistiram por 16 dias, heroicamente, com mosquetes, dardos, algumas espadas e paus

tostados. Irritado, mandou arrumar duas peças de artilharia, conseguindo, assim, a rendição dos refugiados.

Uma filha de Diogo Lopes, de nome Adriana, de oito anos, chorou, e entrou para uma camarinha para não ser vista, onde achou um mulher com um azorrague na mão, que lhe disse: "Cala-te filha, que este azorrague que aqui vês há de castigar estes que fazem estas crueldades, como logo saberás". Atribulada, a menina saiu e contou o que havia visto para umas mulheres que passavam de mudança. Naquela mesma noite, houve grande cheiro de incenso na dita cerca, que durou muito tempo, e sem se saber de onde o dito cheiro procedia, logo pensaram que era do céu.

No primeiro dia de outubro, renderam-se e fizeram um acordo: entregaram os seus líderes Estevão Machado de Miranda, Vinte de Souza Pereira, Francisco Mendes Pereira, João de Silveira e Simão Correia, juntamente com as armas, em troca, ganharam uma garantia de vida, e após a prisão dos seus líderes,

ficaram sob a vigilância de 10 holandeses. No dia seguinte, chegou ao forte Ceullen, um dos membros do Supremo Conselho do Recife, João Van Bullestraten, com a incumbência de tranquilizar os habitantes da capitania com as proezas de Rabe; já ali encontrou os citados reféns e alguns outros moradores refugiados, a quase todos aconselhados a regressassem ás suas casas e voltassem ao cultivo de suas terras, porquanto nada mais havia a receiar dos selvagens tapuias; prometeu-se lhes mais embarcações para o seu transporte e uma guarda para garantir, assim todos os presentes foram de barco, do forte até um Porto de nome Urucuá, com uma tropa, no dia 03 de outubro de 1645.

No entanto, em Urucuá, havia um pelotão de 200 índios nas matas, sob o comando do chefe potiguara Antônio Paraupaba, que se movimentava num cavalo. Os vindos do forte, logo que desceram do barco em Urucuá, foram obrigados a se despir e se ajoelhar. Diante de um sinal dado por Rabe, a tropa cercou os indefesos colonos, que se

despediram contentes porque morreriam heroicamente. Os colonos foram massacrados sob muita crueldade, sendo uma filha de Antônio Vilela teve sua morte com a cabeça batida em um pau, que se abriu. Estevão Miranda foi executado diante de uma filha que suplicava abraçada ao pai e este lhe disse: 'Não esconda da sua mãe a minha morte, diga a todos o ocorrido', depois de morto, a filha cobriu-lhe o rosto com a saia e foi retirada do corpo.

Enquanto isso, na "Cerca de Potengi", os refugiados, de alguma maneira, compreenderam o triste fim que os esperava, e, nessa hora, começaram a rezar, pois os guardas começaram a dividir os colonos entre os barcos. Foram trazidos, entre outros, os Srs. João Laustal, Estevão Miranda, Diogo Pereira, Francisco Pereira, Vicente Pereira, João da Silveira e Simão Correia, com alguns parentes. Estes, ao chegarem ao porto, encontraram inúmeros pedaços dos corpos que tinham sido executados há pouco tempo. Ao

verem o ocorrido, perderam as poucas forças que restavam.

O Sr. Antônio Barracho foi amarrado em uma árvore e depois teve a língua e a genitália arrancadas, em seguida, foi açoitado e foi marcado a ferro em brasa e o cheiro adocicado se dissipou no ar com a fumaça que se desprendeu de seu corpo e seu sofrimento só terminou quando faleceu. Um jovem, chamado João Martins, respondeu aos ataques: "Não me desampararei de Deus desta maneira, irei sempre contra o tirano e não contra minha Pátria, Fé e Rei. Suplico que me matem logo porque estou invejando as mortes de meus companheiros, pois desejo a glória que eles receberam, e se não quiserem me matar, eu os aconselho que façam". Isso ocasionou a ira dos índios que lhe fizeram em pedaços. Uma mulher casada com Manoel Rodrigues Moura teve as mãos e os pés cortados e sobreviveu por três dias no chão.

No assassinato de Mateus Moreira, esse foi aberto pelas costas e seu coração foi arrancado ainda

pulsante, que antes da morte, declarou: "Louvado seja o Santíssimo Sacramento"! Dois homens, um chamado Manuel Alvares Ilha, e outro Antônio Fernandes, depois de estarem em terra, cheios de feridas, e nus no tronco, meteram as mãos nas algibeiras e puxaram, cada um, uma faca, matando três e ferindo alguns índios, e depois morreram.

Em vingança aos massacrados nesses locais, em especial à família de sua mulher, o capitão-mor George Garstman, convenceu Rabe a comparecer à casa de Dirk Mulden Van Mel, no dia 4 de abril de 1646, para um jantar que estava sendo prestigiado pelos militares: Wilhelm Becke, Rolox Baro, Jacob de Bolan, Denys Baltesen, Johannes Hoeck e Wilhelm Tenberghe. Garstman já tinha combinado com Rolox Baro de matar Rabe antes do jantar, e este, como recompensa pelo serviço, poderia ficar com os seus despojos. Rabe chegou num corcel preto, seguido de um escravo, ele comeu e bebeu até altas horas da madrugada, ao que tudo indicava, ele pensou que sairia impune das suas atitudes

monstruosas cometidas a simples colonos nas mais diversas paragens da Nova Holanda. Decorrido certo tempo, o capitão-mor Garstman se despediu dos convidados, pois estava farto da arrogância e petulância de Rabe, que se gabava dos assassinatos por ele concretizados. Agora, mais do que nunca, Garstman queria concluir a vingança.



Fonte:Reprodução/Instagram: @Geopizza

Discretamente, quase ao amanhecer, saiu Rolox quando Rabe já estava a se despedir dos presentes. De um local próximo à casa de Van Mel, estava escondido Bolon, que disparou vários tiros contra Rabe, provocando duas perfurações nos peitos. Não

satisfeito, Bolon desferiu vários golpes de espada no rosto e braço de Rabe, os bolsos de suas vestes foram revirados, mas estavam vazios e lhe faltava o anel de ouro, que usara na reunião. Ao escutar os tiros, Van Mel correu ao local e se deparou com Rabe morto e totalmente desfigurado, e com alguns soldados montados em velozes cavalos, foi até Garstman e relatou a morte de Rabe. A sua morte repercutiu entre os tapuias, aliados e comandados que gostavam dele, os tapuias queriam uma vingança feita pela cabeça de Garstman, porém o capitão-mor e seu alferes foram julgados pelas autoridades holandesas e demitidos dos cargos, sendo seus bens confiscados, e enviados para Holanda como *schelmes*, pessoas indignas. Mas o castigo não durou

muito tempo, Garstman, conseguiu um indulto e voltou ao Brasil, permanecendo até a retirada batava em 1654.

FONTES

CARVALHO, A. **Um intérprete dos tapuias.** Natal: Sebo Vermelho, 2007, 204 p.

OLIVEIRA, T. A. **Abundância de vale com matas à verdejante Canguaretama/RN** Natal: Editora do IFRN, 2016. 204 p.: il

PEREIRA, F. A. **Protomártires do Brasil: Cunhaú e Uruaçú-RN**/Aparecida, SP: Editora Santuário, 1999

Thiago Antonio de Oliveira, vulgo Alemão, é militante do Coletivo Mestre Padre, escritor, cronista, poeta, ensaísta, contista, guia de turismo, aluno de Programação WEB no IFRN – Campus Natal Zona Leste, e graduando em Gestão de Turismo no IFRN – Campus Canguaretama